

**XVIII Encontro Nacional de Economia Política
Belo Horizonte, 28 a 31 de março**

Sessões de Comunicações

4. Estado e Nações face à nova configuração do capitalismo

4.1. Estado e economia capitalista

A Emergência do Capitalismo Neoliberal e a Restauração da Hegemonia Estadunidense
Luiza Carnicero de Castro
Unicamp

Resumo: O trabalho tem o propósito de discutir a relação entre a ascensão do capitalismo neoliberal e a renovação da hegemonia dos Estados Unidos, em meados da década de 1970. O país se tornou o mais importante do mundo no pós-guerra, quando estabeleceu uma ordem internacional multilateral, baseada na cooperação com a Europa Ocidental e o Japão. Assim que essas economias se recuperaram, porém, tornaram-se fortes concorrentes dos Estados Unidos. Parece possível argumentar que a liberalização dos fluxos de capitais foi a forma encontrada pela Casa Branca de reestabelecer a sua hegemonia, em decorrência da importância do dólar no mercado internacional.

Abstract: This paper aims to debate the rise of neoliberal capitalism and the renewal of the American hegemony in the 1970's. The United States has become the most important country in the world in the post-war, when it formulated an international multilateral order with Japan and West Europe. However, as soon as these economies grew stronger, they got very competitive. It seems possible to argue that the liberalization of capital controls was a strategy performed by the White House to recover her hegemony, due to the dollar's importance in the world market.

A hegemonia dos Estados Unidos se consolidou no pós-guerra, com a emergência de uma ordem mundial multilateral, baseada no livre comércio de bens de consumo com a Europa Ocidental e o Japão. A partir de então, observou-se um crescimento econômico sem precedentes nessas nações. O que ficou conhecido como os “Anos Gloriosos” do pós-guerra teve, porém, uma duração fátua. A reconstrução da Europa Ocidental e do Japão logo desafiou o predomínio econômico dos Estados Unidos, lesando o equilíbrio de forças, nas quais a ordem mundial multilateral se assentava. O objetivo do trabalho ora apresentado é analisar o capitalismo neoliberal como uma estratégia da Casa Branca de adaptar a sua hegemonia a uma conjuntura de crise.

O neoliberalismo buscou rearticular e atualizar o pensamento liberal dos séculos XVIII e XIX, que defendia a liberdade da iniciativa privada como a maneira de se obter o melhor funcionamento das atividades econômicas. Dessa forma, o liberalismo foi uma crítica aos regulamentos e monopólios garantidos pelo Estado mercantilista e as corporações de ofício. Igualmente, o neoliberalismo rechaçou o modelo de Estado que lhe foi contemporâneo – o Estado de Bem Estar Social. Segundo os seus divulgadores, a vida em sociedade seria mais harmoniosa e até mesmo mais justa, caso o Estado exercesse uma função meramente reguladora. Ao intervir na economia, o Estado faria um emprego irracional dos recursos econômicos e ainda geraria benefícios particularizados, fomentando a corrupção.¹

A verdade é que o Estado de Bem Estar Social foi justamente a contestação dos princípios exaltados pelo liberalismo. Ele surgiu como uma reação às crises de superprodução e aos pânico financeiros recorrentes no século XIX e início do século XX, momento em que o liberalismo foi colocado em prática. Seu principal mentor, John Maynard Keynes, supunha que o poder público deveria regular o emprego e os investimentos, através de políticas monetárias. Os estrategistas que projetaram a ordem mundial multilateral consideraram, pois, salutar proteger a autonomia do Estado contra ataques especulativos. Presumiram que o Estado interventor seria uma forma de se obter crescimento econômico e, conseqüentemente, mercado para os bens manufaturados exportados pelos Estados Unidos.²

Não obstante, Fred Block nos informa que a ordem monetária internacional calcificada no pós-guerra possuía contradições estruturais, pois só se sustentava num contexto em que o poder econômico dos Estados Unidos superasse o de seus aliados. Já no primeiro lustro da década de 1960, as economias da Europa Ocidental e do Japão estavam recuperadas, tornando-se fortes concorrentes dos Estados Unidos. Estes, já vinham sendo assolados por um crescente déficit na balança de pagamentos, causado pelos gastos militares com a Guerra Fria e pelas vultosas transferências de recursos para a Europa Ocidental e o Japão.³

¹ MORAES, 2001, p. 28.

² MORAES, 2001, p. 31.

³ BLOCK, 1977, p. 195.

Em 1958, a Europa Ocidental reinstalou a convertibilidade de suas moedas e decidiu manter suas reservas em ouro, em virtude da importância e independência ligadas ao metal.⁴ Isso diminuiu imensamente as reservas de ouro dos Estados Unidos, gerando ainda mais apreensão ao país, visto que o dólar estava atrelado ao metal.⁵

A emergência dos mercados de capitais tornou o contexto ainda mais tenso, pois discretas mudanças da taxa de câmbio de um determinado país geravam especulação.⁶ Os ataques especulativos transcorriam ao menor sinal de fraqueza na estrutura de cooperação entre os Estados. No caso específico dos Estados Unidos, Block observa que um ataque especulativo ameaçava prejudicar as suas reservas em ouro, pois o país tinha que manter o metal a US\$ 35/onça tanto para o mercado privado, quanto o oficial. Era necessário, assim, disponibilizar um volume suficiente de ouro no mercado para evitar que o preço do metal subisse. Caso a credibilidade do dólar fosse abalada, haveria um aumento na procura do ouro, prejudicando ainda mais a credibilidade da moeda.⁷

De acordo com Fred Block, a ordem monetária mundial é influenciada pelas mudanças nas relações de poder entre os países que a constituem. Nações outrora sem prestígio podem apresentar significativo crescimento econômico, almejando ocupar uma posição de mais destaque na ordem vigente. Diante disso, o país hegemônico pode vir a se incomodar com o novo concorrente e, valendo-se do seu poder econômico, procura alterar as regras para que os seus interesses continuem sendo resguardados.⁸ Parece plausível argumentar que foi esse raciocínio que alicerçou a opção dos Estados Unidos no momento de solucionar os problemas relacionados com as suas reservas em ouro. Em 1971, o país tomou a decisão unilateral de abandonar a convertibilidade do dólar em ouro, inaugurando uma nova fase de sua política externa.⁹

Eric Helleiner sustenta que os oficiais da administração estadunidense estavam convencidos de que uma ordem internacional financeira liberal preservaria a autonomia política do país diante das intempéries que o atormentavam.¹⁰ A partir da década de 1970, foi tomando forma a ideia de que no curto prazo, o movimento do capital especulativo encorajaria outros Estados a realizar os ajustes necessários para corrigir os enormes déficits dos Estados Unidos. Igualmente, um mercado financeiro aberto poderia atender aos interesses de longo prazo de Washington, já que a posição do dólar como moeda mundial, garantiria a primazia dos mercados financeiros dos Estados Unidos. Dessa forma, caso os investidores privados adquirissem repleta liberdade para atuar nos mercados internacionais, eles contrairiam ações do déficit estadunidense. A consolidação de um sistema financeiro internacional liberal recuperaria, portanto, a posição dos Estados Unidos como líder mundial. O tamanho relativo de sua economia, a proeminência do dólar e a atratividade do seu mercado financeiro concediam ao país um poder atroz, capaz de ser exercido mediante as pressões do mercado.

De fato, as administrações de Richard Nixon (1969-1974) e Gerald Ford (1974-1977) foram amplamente influenciadas por defensores do neoliberalismo. Gottfried Harbeler, consultor de Nixon para assuntos financeiros era membro da escola neoliberal austríaca – um dos maiores centros de excelência de divulgação da doutrina. George Schultz, Secretário do Tesouro entre junho de 1972 e maio de 1974, tinha fortes conexões com Milton Friedman – um dos maiores expoentes do neoliberalismo. Todos esses homens se opunham fortemente aos controles de capital, sob o argumento de que representavam o poder coercitivo do Estado, incompatível com a liberdade individual.¹¹

Ronald Reagan (1981-1989) venceu, assim, as eleições, prometendo dramática redução do papel do Estado. A pressão para que mais países aderissem ao neoliberalismo se tornou um dos

⁴ BLOCK, 1977, pp. 135-136.

⁵ RUGGIE, 1996, p. 115.

⁶ RUGGIE, 1996, p. 114.

⁷ BLOCK, 1977, p. 178.

⁸ BLOCK, 1977, p. 4.

⁹ BLOCK, 1977, p. 195.

¹⁰ HELLEINER, 1994, pp. 4-5.

¹¹ HELLEINER, 1994, pp. 113-116.

principais temas da política externa da Casa Branca. As instituições multilaterais sediadas em Washington passaram a condicionar os seus empréstimos à adoção de medidas de liberalização de controles ao capital financeiro. O que ficou conhecido como Empréstimos de Ajuste Estrutural se transformaram na principal fonte de recursos dos países periféricos, flagelados pela dívida externa ao longo da década de 1980.¹²

A estratégia pareceu bem sucedida. Pode-se dizer que o poder mundial dos Estados Unidos permaneceu invulnerável, a despeito da relativa perda de competitividade de sua economia no mercado mundial. Susan Strange argumenta que o país continuou sendo o único Estado com o arsenal necessário para proteger todo o planeta contra qualquer tipo de ameaça, ainda que a União Soviética tivesse alcançado a paridade nuclear. Os aliados da OTAN não só dispunham de um aparato bélico mais modesto, como igualmente dependiam dos Estados Unidos por estar em posição de substancial inferioridade perante a União Soviética e as nações sob o Pacto de Varsóvia.

O país, ainda, continuou ocupando o cume da estrutura produtiva global. Strange relata que dentre as vinte maiores corporações produtoras de computadores, doze eram dos Estados Unidos e controlavam 62,3% da produção mundial. A AT&T e ITT eram as duas maiores companhias em termos de vendas no ramo das telecomunicações. Ainda que a porção mundial dos Estados Unidos na produção de bens básicos (incluindo aço, químicos e papel) e de bens de consumo tenha decaído durante as décadas de 1970 e 1980, o país apresentou aumento em sua porção mundial de produtos de alta tecnologia. Na indústria petrolífera, sete entre as dez maiores corporações do setor eram estadunidenses, superando em ampla margem as maiores empresas europeias, japonesas e da OPEP.¹³

Parece, portanto, possível argumentar que a construção do capitalismo neoliberal foi um projeto dos Estados Unidos para manter a posição da qual dispunham no pós-guerra. A hegemonia de Washington entrementes obteve lastro numa ordem multilateral, garantida pelo livre comércio de bens de consumo. Os fluxos de capitais eram rigidamente controlados, pois eram suscetíveis de violar a autonomia do Estado de Bem Estar Social. A recuperação das economias destruídas pela guerra modificou, contudo, as relações de poder entre os Estados que compunham a ordem multilateral. O livre fluxo de capitais financeiros permitiria, porém, que os Estados Unidos continuassem como os mais poderosos do mundo, em virtude da proeminência do dólar. A retórica que circundou a liberalização financeira pode, assim, ser interpretada como uma estratégia que buscou convencer outros Estados a adotar as reformas que beneficiariam a economia estadunidense.

Bibliografia:

- BLOCK, Fred. **The Origins of International Economic Disorder**. Berkeley: University of California Press, 1977.
- GWIN, Catherine. United States Relation with the World Bank. In: KAPUR, Devesh, LEWIS, John, WEBB, Richard. **The World Bank**. Its First Half Century, Volume II. Washington: The Brookings Institution, 1997. Capítulo 6, p. 195-274.
- HELLEINER, Eric. **States and the Reemergence of Global Finance: From Bretton Woods to the 1990s**. Ithaca & London: Cornell University Press. 1994.
- MORAES, Reginaldo **Neoliberalismo**. De onde vem, para onde vai? São Paulo: Editora Senac, 2001.
- RUGGIE, John Gerard. **Winning the Peace: American and World Order in the New Era**. New York: Columbia University Press, 1996.
- STRANGE, Susan. The Persistent Myth of Lost Hegemony, **International Organization**, Vol. 4, Fall 1987, p. 551-574.

¹² GWIN, 1997, p. 232.

¹³ STRANGE, 1987.